CORREIO ECONÔMICO

POR MARCELLO SIGWALT

Agência Senado

Nova faixa do MCMV terá de arcar com juros de 10%

Conselho Curador do FGTS cria nova faixa do MCMV

O Conselho Curador do Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS) aprovou nesta terça-feira (15), a nova faixa do Minha Casa, Minha Vida (MCMV). Lançada pelo governo no início deste mês, a faixa "Classe Média" é voltada a famílias com renda de até R$ 12 mil, que está sujeita a juros para financiamentos será de 10%.

A projeção apresentada ao Conselho é de que até 120 mil famílias sejam alcançadas pela nova faixa. Até 100 mil famílias que cumprem os requisitos das faixas atuais sejam beneficiadas com redução de juros após a revisão dos limites de rendas, também votada nesta terça-feira. O limite da faixa 1 subiu de R$ 2.640 para R$ 2.850; a faixa 2, de R$ 4.400 para R$ 4.700; e a faixa 3, de R$ 8.000 para R$ 8.600.

Revisão

O Conselho Curador do FGTS aprovou revisão no Minha Casa, Minha Vida que permite a qualquer faixa financiar imóveis de até R$ 500 mil. Até então, o beneficiário só podia fechar negócio envolvendo imóveis de preços designados para sua faixa de renda.

Ampliação

A revisão proposta pelo Ministério das Cidades busca ampliar o número de beneficiários e reduzir os juros para aqueles já contemplados. A projeção apresentada ao Conselho é de que 100 mil famílias se beneficem da baixa de juros, com impacto orçamentário de R$ 5,45 bi.

Marcello Casal Jr. - Agência Brasil

Mínimo de 2026 é bem inferior ao estimado pelo Dieese

Planejamento fixa em R$ 1.630, o mínimo de 2026

O Ministério do Planejamento e Orçamento (MPO) divulgou nesta terça-feira (15), o Projeto de Lei de Diretrizes Orçamentárias (PLDO) de 2026 que traz a proposta do valor do salário mínimo de R$ 1.630. O salário mínimo atual é de R$ 1.518.

O reajuste do piso nacional leva em conta a política de ganhos reais. Para o valor apresentado, a pasta considerou o INPC (Índice Nacional de Preços ao Consumidor) dos últimos 12 meses até novembro mais crescimento real do PIB (Produto Interno Bruto) dos últimos dois anos, limitado a 2,5%, conforme lei sancionada no fim do ano passado estabelece que a variação real será de no máximo 2,5%.

Condicionante

O patamar final do salário mínimo para 2026 poderá ser alterado a depender do desempenho da inflação até o fechamento deste ano.

Para o PIB de 2026, a projeção do MPO é de crescimento real de 2,5%, com valor nominal de R$ 13,7 trilhões.

Na meta

Com exceção de 2025, a projeção é de que o IPCA (Índice de Preços ao Consumidor-Amplo) permaneça dentro da meta de 3%, com tolerância de 1,5 ponto percentual para mais ou para menos, ou 4,5% o teto da meta. 2025: 4,90%; 2026: 3,5%; 2027: 3,1%; 2028: 3%; 2029: 3%.

Cubatão

Primeira grande refinaria brasileira construída pela Petrobras, em 1955, a Refinaria Presidente Bernardes (RPBC), em Cubatão (SP) completa 70 anos na quarta-feira (16), ao processar 180 mil barris de óleo/dia e 11% da produção de derivados da empresa.

Expansão

Segundo a Petrobras, a refinaria tem importância histórica no desenvolvimento da indústria nacional de petróleo. A criação da RPBC possibilitou a expansão da área industrial da cidade e transformou Cubatão, na década de 70, no maior polo petroquímico da América Latina.

Em três anos, dívida bruta deve atingir 84,2% do PIB

É a projeção do relatório de Projeções Fiscais, do Tesouro Nacional

José Cruz - Agência Brasil

Governo teve de revisar, para cima, estimativa de 'pico' da dívida bruta do país

Por Marcello Sigwalt

Em compasso com a 'cristalização' do recorrente desajuste fiscal, que retroalimenta a escalada dos juros, a dívida bruta do governo geral (DBGG) – um dos principais indicadores da qualidade (ou não) da gestão da economia – deve atingir o patamar máximo de 84,2% do PIB (Produto Interno Bruto) nacional, no próximo 2028, conforme atesta o relatório de Projeções Fiscais, divulgado no final do ano passado pelo Tesouro Nacional.

De 78,5% este ano, a dívida deve saltar para 81,8% do PIB, já no ano que vem. O patamar, na verdade, revisa para cima, a estatística anterior, que dava conta de que o 'pico' da dívida seria alcançado em 2027, quando passaria a 81,8% do PIB, mas foi 'catapultado' a 83,6% do PIB; 84,2% do PIB em 2028 e 84% do PIB em 2029.

A 'numeralha' de estimativas está prevista na Proposta de Lei de Diretrizes Orçamentárias (PLDO) de 2026, apresentada, nessa terça-feira (15) pelo Ministério do Planejamento. A respeito da trajetória da Dívida Líquida do Setor Público (DLSP), a PLDO aponta que, em 2025, esta deve chegar a 65,7% do PIB, a 70% em 2026, atingindo o pico em 2029, de 74,2% do PIB, patamar que se manteria inalterado até 2031, quando, então, em 2032, espera a 'Viúva', começaria uma trajetória de queda (74,2%), até cair para 73,6% do PIB em 2035.

De fato, a escalada da DBGG já vinha se acentuando, desde o início deste ano, conforme indicou o Banco Central (BC), ao observar que o indicador subiu de 75,7% do PIB, em janeiro, para 76,2% do PIB, em fevereiro. Em reais, a dívida bruta cresceu de R$ 8,940 trilhões para R$ 9,045 trilhões.

Mas se considerado o conceito do FMI, a DBGG teria subido de 87,1% para 88,7% do PIB no período citado. Na ocasião, a autoridade monetária admitiu, no Relatório de Política Monetária (RPM), que incorporaria a metodologia do FMI às suas divulgações.

Incerteza global não evita alta do dólar

O dólar encerrou a sessão desta terça-feira em alta de 0,66%, a R$ 5,8900, após máxima a R$ 5,9041 no início da tarde. O dia foi marcado por valorização global da moeda americana, dada a postura mais cautelosa dos investidores diante dos desdobramentos da guerra comercial. Além de falta de progressos em acordo com a União Europeia, os EUA sofreram nova retaliação chinesa.

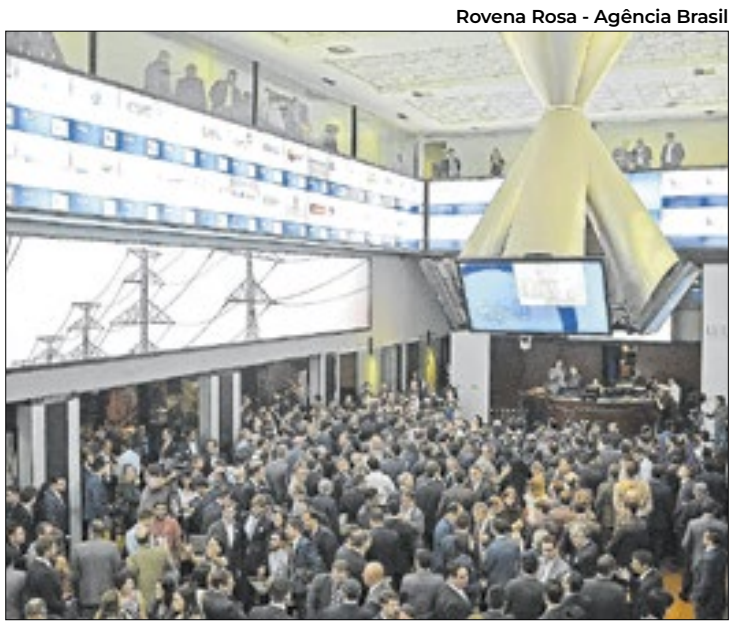
No início, a divisa ensaiou queda, com mínima a R$ 5,8340, mas trocou de sinal após as primeiras horas do pregão, em sintonia com o exterior. Termômetro do comportamento do dólar em relação a uma cesta de seis divisas fortes, o índice DXY – que recentemente furou o piso do 100,000 pontos, menor nível em três anos – hoje voltou a subir, com máxima aos 100,276 pontos.

As taxas dos Treasuries recuaram, em um movimento clássico de busca por proteção em momento de aversão ao risco. Podem ter ocorrido também compras táticas, após a desvalorização expressiva dos papéis. No tumulto provocado pelo tarifaço de Trump, investidores haviam vendido Treasuries, com aumento de prêmio de risco relacionado aos EUA e temores de que a China de desfizesse dos títulos de forma agressiva.

"O dólar sobe com esse clima de incerteza em relação às tarifas de Trump. A China aumentou a retaliação contra os EUA, deixando de receber aviões produzidos pela Boeing", afirma o especialista Davi Lelis, da Valor Investimentos. "Moedas emergentes são muito mais vulneráveis a choques externos. Vamos ter ainda muita volatilidade com essa perspectiva de mudanças das cadeias globais de produção por conta das tarifas."

PLDO 2026 e China derrubam a bolsa

Rovena Rosa - Agência Brasil



Cautela com o PLDO de 2026 e com PIB chinês selou queda

A agenda escassa durante o pregão e a falta de sinalizações mais claras sobre o andamento da guerra comercial fez o Ibovespa oscilar entre leves altas e baixas por todo o pregão desta terça-feira (15).

Por fim o índice fechou em queda moderada, com investidores adotando postura cautelosa antes da divulgação do Projeto de Lei de Diretrizes Orçamentárias (PLDO) do Brasil e do Produto Interno Bruto (PIB) da China. Já as ações de mineração e siderurgia recuaram em bloco, num movimento que destoou da alta do minério de ferro.

O Ibovespa fechou em queda de 0,16%, aos 129.245,39 pontos, com uma oscilação de menos de mil pontos entre mínima (-0,39%), aos 128.951,12 pontos, e máxima (+0,37%) aos 129.927,08 pontos.

O giro financeiro somou R$ 20,4 bilhões.

"Tivemos na segunda-feira e na sexta-feira pregões com um movimento um pouco mais positivo em relação à guerra tarifária, após flexibilizações do presidente Donald Trump, que indicaram que poderia haver mais negociação.

Mas também existe um tempor com relação a avanços nos conflitos. Então quando olhamos essas duas forças, acaba que o mercado opera mais no zero a zero", comenta o sócio da WMS Capital, Marcos Moreira.

Moreira destaca que por fim o Ibovespa se firmou no terreno negativo por conta da expectativa em relação ao PLDO. Também após o fechamento, Vale deve divulgar relatório de produção e vendas. Já às 23h, a China deve divulgar seu PIB do primeiro trimestre de 2025.

"O dado tende a fazer preço na Bolsa, porque uma economia mais fraca na China pode influenciar o Brasil, sobretudo por conta do minério de ferro", afirma o sócio da One Investimentos, Pedro Caldeira.

Desta maneira, a queda em bloco do setor metálico não surpreende, em queda que vai desde Vale ON (-1,01%) até CSN ON (-3,46%), destoando da alta de 0,99% e de 0,63% do minério de ferro em Dalian, na China, e em Cingapura, respectivamente.

Petrobras também teve forte pressão sobre o índice, recuando cerca de 2%, seguindo a baixa de 0,33% (WTI) e 0,32% (Brent) dos contratos futuros de petróleo.

Em 'ajuste', futuros fecham em alta

Os juros futuros fecharam em alta, em movimento de correção moderada de parte das quedas acumuladas na últimas sessões, tendo as incertezas externas e fiscais como estímulos para ajuste. Sinais de falta de evolução nas negociações dos acordos que aliviem o impacto das tarifas de Trump sobre a economia global e cautela antes da divulgação do PLDO de 2026 levaram o mercado a recompor os prêmios de risco, sobretudo nos vértices intermediários. O documento foi divulgado no fim da tarde, porém sem reações no mercado de juros.

No fechamento, a taxa do contrato de Depósito Interfinanceiro (DI) para janeiro de 2026 subia a 14,725%, de 14,686% ontem no ajuste, e a do DI para janeiro de 2027 estava em 14,22% (de 14,16%). O DI para janeiro de 2029 terminou com taxa de 14,11%, de 14,04%.

As taxas estiveram em direção contrária ao dos rendimentos dos Treasuries, que caíram, tendo o mesmo pano de fundo: as preocupações com os efeitos do tarifaço sobre a economia mundial. Apesar dos EUA manterem o discurso de que estão sendo procurados para acordos, pouco de concreto se viu até agora. Segundo a Casa Branca, em torno de 75 países estariam buscando uma negociação e acordos serão anunciados "muito em breve". Representantes da União Europeia e os Estados Unidos se reuniram, mas os relatos à Bloomberg eram de que havia pouca clareza sobre a posição americana.

"O mercado opera sem muita convicção. As taxas tiveram queda grande e daqui para frente é esperar para ver", afirma o economista-chefe da Terra Investimentos, João Mauricio Rosal.